



**HOJE VAI TER ESPETÁCULO!!!
A ARTE CIRCENSE COMO OPÇÃO DE LAZER PARA ALUNOS EM UMA
ESCOLA DAS ÁGUAS DO PANTANAL**

**TODAY WILL HAVE A SHOW!!!
CIRCUS ART AS A LEISURE OPTION FOR STUDENTS IN A PANTANAL
SCHOOL**

**HOY TENDRÁ UN SHOW!!!
EL ARTE CIRCENSE COMO OPCIÓN DE OCIO PARA ESTUDIANTES EN
UNA ESCUELA DEL PANTANAL**

Rogério Zaim-de-Melo


<https://orcid.org/0000-0002-0430-8040> 


<http://lattes.cnpq.br/0987782639429253> 

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Corumbá, MS – Brasil)

rogeriozmelo@gmail.com

Junior Vagner Pereira da Silva


<https://orcid.org/0000-0002-4098-9664> 


<http://lattes.cnpq.br/3944964980856605> 

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande, MS – Brasil)

jr_lazer@yahoo.com.br

Rodrigo Mallet Duprat

<https://orcid.org/0000-0003-2646-0235> 

<http://lattes.cnpq.br/7851826609603221> 

Escola do Futuro de Goiás em Artes Basileu França (Goiânia, GO – Brasil)

circo.basileufranca@gmail.com

Resumo

O frio na barriga durante uma acrobacia, o riso fácil após um gracejo do palhaço, sensações que se confundem com a própria história da humanidade, configura o circo como uma das formas mais antigas de entretenimento. No universo do lazer, a arte circense encontra-se na categoria interesses artísticos, que agrega tanto o fazer a arte, quanto contemplá-la. O presente artigo tem o objetivo de relatar a experiência de levar apresentações circenses à alunos de uma “Escola das Águas” do Pantanal Sul-mato-grossense. Ao longo do ano de 2019 foram realizadas visitas periódicas a uma das escolas, com a realização de pequenos números circenses como acrobacias, acrobacias aéreas, palhaçaria e, equilíbrio, ampliando o repertório artístico/cultural das crianças que ali estudavam.

Palavras-chave: Circo; Pantanal; Escola das Águas.

Abstract

Butterflies in stomach during an acrobatics, the easy laughter after a clown joke, sensations that are confused with the human history itself, configure the circus as one of the oldest forms of entertainment. In the universe of leisure, circus art is found in the category of artistic interests, which aggregates both making art and contemplating it. This article aims to report the experience of taking circus presentations to students at a “School of Waters” in the Pantanal Sul-Mato Grosso. Throughout 2019, periodic visits were made to one of the schools, with small circus acts such as acrobatics, aerial acrobatics, clowning and, balance, expanding the artistic / cultural repertoire of the children who studied there.

Keywords: Circus; Pantanal; School of Waters.



Resumen

Las mariposas en el estómago durante una acrobacia, la risa fácil después de un chiste de payaso, sensaciones que se confunden con la historia de la humanidad, configuran al circo como una de las formas de entretenimiento más antiguas. En el universo del ocio, el arte circense se encuentra en la categoría de intereses artísticos, que agrega tanto hacer arte como contemplarlo. Este artículo tiene como objetivo relatar la experiencia de llevar presentaciones de circo a los estudiantes de una "Escuela de Aguas" en el Pantanal Sul-Mato Grosso. A lo largo de 2019 se realizaron visitas periódicas a una de las escuelas, con pequeños actos circenses como acrobacias, acrobacias aéreas, payasadas y, equilibrio, ampliando el repertorio artístico / cultural de los niños que allí estudiaron.

Palabras clave: Circo; Pantanal; Escuela de Aguas.

LAZER E OS INTERESSES CULTURAIS ARTÍSTICOS

O lazer, como área de estudo originária da sociologia, dispõe de diferentes interpretações a respeito do seu significado. Em que pese a relevância e contribuições para o debate e desenvolvimento das diferentes abordagens teóricas sobre o assunto, compartilhamos do conceito operacional proposto por Marcellino (2008), que assume o lazer como um advento da sociedade moderna e que, historicamente situado, exigiu um tempo disponível para sua efetivação, como também uma atitude do sujeito frente a esse tempo.

A partir da industrialização, com o advento do relógio, o tempo social passou a ser fragmentado e controlado, com dias, períodos e horários estipulados para cada tipo de atividades cotidianas, dentre elas, as tratadas como obrigações (trabalhistas, familiares, sociais e religiosas) e necessidades fisiológicas (alimentação, dormir e higienização). Neste contexto, as experiências de lazer são materializadas em um tempo disponível após as obrigações e necessidades fisiológicas, exigindo do sujeito uma atitude, seja ela a de realizar algo ou, como melhor delineou Marcellino (2008), optar por não fazer nada.

No que tange as atitudes tomadas frente ao tempo disponível, ela pode ser motivada pelos conteúdos que as experiências possam promover, conteúdos esses que estão relacionados aos interesses culturais físicos/esportivos, estéticos/artísticos, intelectuais, manuais e sociais (DUMAZEDIER, 1979) e turísticos (CAMARGO, 1986).

Em que pese a existência de um rol ampliado de possibilidades vinculadas aos seis interesses culturais, em decorrência de dispor de maior difusão pelos meios de comunicações, assim como em detrimento aos diversos fatores que atuam como barreiras a efetivação das experiências no lazer, por vezes, o lazer da população é permeado, sobretudo, por experiências físico/esportivas (MELO; ALVES JÚNIOR, 2003).

Tal hipótese foi confirmada em estudo sobre o lazer do brasileiro, que indicou predominância do interesse físico/esportivo, seguido pelo social, entre as experiências de lazer



semanal (PEDRÃO; UVINHA, 2017). Porém, manteve sobre o final de semana e férias, quando prevaleceram, respectivamente, o interesse social (MAYOR; ISAYAMA, 2017) e o turístico (BAHIA; BRITO, 2017), sendo este último sinalizado como aquele que a população mais gostaria de vivenciar no seu tempo livre (BAHIA; BRITO, 2017; MAYOR; ISAYAMA, 2017).

Ao contrário do que ocorre com o físico/esportivo, o interesse cultural artístico, caracterizado pela predominância do imaginário sobre o real, em que se busca o contato com o fictício, com o estético e com o belo, configura-se oportunidade de lazer historicamente de acesso restrito a uma pequena parcela da sociedade.

A pesquisa sobre o lazer do brasileiro também evidenciou que o interesse artístico figurava como o quarto conteúdo vivenciado pela população aos finais de semana (MAYOR; ISAYAMA, 2017) e dentre aqueles não sinalizados entre o rol de experiências de lazer nas férias (BAHIA; BRITO, 2017). Também aparece como quarto interesse cultural que a amostra gostaria de vivenciar no tempo livre, ficando à frente somente do manual e intelectual (BAHIA; BRITO, 2017).

A baixa ressonância das artes no lazer dos brasileiros pode estar relacionada a questões históricas, em que marcada por conotações imperialistas do século XVIII, foi concebida como um bem cultural destinado a poucos “iluminados” e usado como mecanismo de distinção social. Tal condição se estendeu de modo mais efetivo entre o século XIX e XXI, quando figurou como forma de legitimar o poder da burguesia, condição que parece não ter mudado muito nos dias atuais (MELO, 2007).

Considerando o distanciamento entre a arte e parte da população, Melo (2004) expõe que o desafio no âmbito da animação sociocultural é fazer com que ela chegue às pessoas em suas mais diversas manifestações e não apenas a difundida pela cultura de massa, de modo a provocar situações que as pessoas percebam que a produção da arte não deve permanecer como privilégio de poucos

Concordamos com Melo e Alves Júnior (2003), quando defendem a necessidade de entendimento das artes para além de espaços sacralizados (teatros, bibliotecas, cinemas, teatros, centros culturais), pois o interesse artístico não se limita a esses locais, podendo também ser desenvolvida nas tradições folclóricas e cultura popular, não sendo limitadas e restritas a notáveis artistas, mas também podendo surgir em cada um, principalmente quando a sensibilidade é fruto de um processo educacional de estimulação.



A respeito desta questão, de modo a ampliar o acesso as experiências artísticas, torna-se necessário e relevante que estratégias metodológicas que fomentem diferentes linguagens sejam adotadas, o que pode contribuir com o desenvolvimento da criticidade e seletividade, a partir da descoberta das diferentes possibilidades de acesso a arte, incorporando-as no tempo de lazer, sejam elas vivenciadas pela prática, contemplação ou conhecimento (MELO, 2007).

O “[...] fundamental é dar condições para que todos descubram a arte em suas mais diferentes dimensões, incorporando-a em suas opções de lazer, aproveitando o potencial estético que ela pode desencadear” (MELO, 2007, p. 84), de modo a despertar o interesse pelo conteúdo artístico por meio da iniciação a experiências, não limitando tal exercício a busca pela formação de notáveis artísticas, mas sim de acesso.

Diante ao rótulo e simulacro criado ao entorno das artes, a qual distanciou e deixou parte significativa da população a margem do acesso a espaços e experiências relacionadas a esse conteúdo, o que corroborou com que a população não despertasse interesse por essas experiências, assumimos que uma das estratégias possíveis de criar condições de acesso pode ocorrer por meio dos princípios norteadores do duplo processo educativo do lazer - educação para o lazer e educação pelo lazer, conforme defendido por Marcellino (2002).

Educar para o lazer consiste em criar condições para que haja a superação de estigmas e alienações construídas historicamente, como os relacionados as artes. Isto significa que o lazer pode figurar como objeto de educação, por meio da criação de oportunidades para que as pessoas sejam iniciadas nos seis interesses culturais (MARCELLINO, 2002). Dito de outra forma, que sejam encorajadas e tenham oportunidades de vivenciar através dos gêneros prático, contemplativo e do conhecimento atividades como as artísticas em suas diferentes dimensões e manifestações, o que corroborará com maiores chances de incorporação dessas no tempo disponível.

Neste sentido, a prática não dispõe de distinção em relação a contemplação, o mesmo ocorre em relação ao conhecimento, vez que o lazer pode ser vivenciado de forma produtiva (realização, invenção, descoberta, expressão) ou não-produtiva (observação, contemplação, assistência) (DUMAZEDIER, 1979). Ademais, “[...] a simples prática não significa participação, assim como nem todo ‘consumo’ corresponde necessariamente à passividade” (MARCELLINO, 2002, p. 22).



Por seu turno, educar pelo lazer, significa que além de objeto de educação, as experiências de animação sociocultural pautadas em níveis médios/críticos e superiores/críticos-criativos (MARCELLINO, 2002) dispõem de potencial educativo que podem corroborar com a emancipação humana, de modo a não ocupar o tempo disponível com essas atividades apenas na perspectiva de consumo da indústria cultural, mas também refletir a respeito dos fatores que atuam como barreiras e condicionantes a sua realização

Tal investidura, exige comprometimento com os valores e princípios democráticos, como compreender o papel social da educação para o lazer; dominar os conteúdos a serem trabalhados junto a população, de seus significados em diferentes contextos e articulações interdisciplinares; dominar conhecimentos de ordem pedagógica; conhecer processos de pesquisa que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica; gerenciar o desenvolvimento de ações educativas lúdicas (PINTO, 2001).

Visto dessa forma, a disponibilidade de tempo pressupõe uma opção e a atitude uma ação, podendo ser tanto prática, contemplativa ou de conhecimento. Porém, independente do gênero, é preferível que seja oportunizada e vivenciada em níveis médios ou superiores. Assim, o lazer pode auxiliar em mudanças sociais que são necessárias para ocupação do tempo disponível, uma vez que as possibilidades de escolha e o caráter desinteressado de sua prática, são características básicas.

Frente ao até aqui exposto, este manuscrito, do tipo descritivo, tem por objetivo apresentar uma experiência de iniciação de uma comunidade ribeirinha ao interesse cultural artístico por intermédio do circo.

COMUNIDADES RIBEIRINHAS E AS ESCOLAS DAS ÁGUAS DO PANTANAL

A imensidão do território pantaneiro, que ultrapassa as fronteiras com a Bolívia, e as constantes inundações da planície, dá contorno a um espaço singular, quase sempre sem acesso por terra, apenas por barco e/ou avião. Essas condições formatam o modus vivendi das pessoas que residem às margens dos rios que compõem a bacia pantaneira, que ao mesmo tempo lhes proporciona uma beleza ímpar, os priva dos serviços públicos.

As “Escolas das Águas” no Pantanal Sul-mato-grossense são, informalmente, assim denominadas pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de Corumbá- MS. Estão localizadas nessas regiões de difícil acesso, que sofrem a influência do ciclo das águas que envolvem o bioma Pantanal brasileiro (ZAIM-DE-MELO; SAMBUGARI; DUARTE, 2020).



Com o objetivo de atender as crianças e adolescentes que vivem nessas regiões, entre eles, filhos de isqueiros, de lavradores de agricultura familiar e funcionários das fazendas de gado da região, o município de Corumbá-MS conta com 09 escolas das águas, distribuídas entre escolas polo e extensões. Em 2019, possuía 293 alunos matriculados, número que depende muito da evasão escolar, da ação migratória de pais e mães em busca de emprego, entre outros fatores socioeconômicos.

Dentre essas escolas, encontra-se a Jatobazinho, uma extensão da Escola Polo Municipal Rural Paraguai Mirim, situada do Rio Paraguai, distante 100 km ao norte da zona urbana corumbaense. O único meio de transporte para chegar à escola, é o barco, em uma viagem de cerca de três horas de duração, saindo do Porto Geral de Corumbá, MS. Essa instituição, assim como tantas outras no Brasil, se encontra numa região de “isolamento geográfico, com indisponibilidade de serviços públicos básicos como transporte, saneamento, energia elétrica, saúde, educação e assistência social” (INSTITUTO ACAIA, 2018, p. 53).

A Jatobazinho funciona mediante uma parceria público-privada, entre uma Organização Não Governamental, o Acaia Pantanal e a Prefeitura Municipal de Corumbá-MS que é responsável por alocar os professores, pelo transporte das crianças em barcos escola e por uma parte da merenda escolar. Em contrapartida, o Acaia Pantanal cuida de toda a parte operacional que vai desde a manutenção do espaço físico, a aquisição de equipamentos escolares e a gestão da escola.

A escola funciona em regime de alternância, intercalando períodos de internato (as crianças permanecem na escola durante a semana) com períodos em casa (finais de semana e quinze dias nos finais de bimestre) e oferece o ensino fundamental I, com todas as séries, ao contrário das outras escolas que são multisseriadas. O regime de alternância permite que as “crianças das águas” possam frequentar a escola, uma vez que a grande distância e o difícil acesso às moradias inviabiliza o ir e vir diário à escola. Para muitos, o trajeto casa/sala de aula, significaria uma viagem de muitas horas, sem contar com imprevistos e adversidades climáticas (HOSHINO, 2018), o que poderia ocasionar constantes faltas e uma descontinuidade do ensino/aprendizado.



Figura 1 – Moradia de um aluno e vista aérea da escola



Fonte: Instituto Acaia (2018)

Para os moradores das comunidades ribeirinhas, o tempo cronológico passa mais devagar, o que influencia a relação trabalho/tempo livre, que é permeada pela associação homem/natureza. As condições ambientais, o amanhecer e o anoitecer são fatores determinantes. Inicia-se a labuta ao nascer do sol e a mesma só termina quando ele se põe.

A vida dos pantaneiros ribeirinhos, suas condições de moradia, acesso a saúde, educação e lazer se assemelha a outras comunidades ribeirinhas do Brasil. Scherer (2010), ao pesquisar a dinâmica da vida ribeirinha amazonense, afirma que o processo de cheia e enchente dos rios condiciona tanto os modos de trabalho quanto a utilização dos rios com fins de lazer, a sazonalidade.

O pulsar do Pantanal condiciona as possibilidades de lazer, o rio é uma alternativa na realização da pesca (exceto para aqueles que utilizam a pesca como subsistência), nos finais de semana e nos períodos de vazante e seca, quando surgem as praias para banhar-se, aliviando do calor. “O rio e o uso das águas estão presentes de várias formas na vida ribeirinha, reforçando-a pela sensação de pertencimento a esse recurso natural indispensável a sua sobrevivência, o rio é tido como extensão de suas casas” (RODRIGUES, 2017, p. 26).

As constantes enchentes na planície pantaneira, dificulta muito, tornando quase impossível, o acesso da população ribeirinha a serviços essenciais, como saúde, saneamento básico e a bens culturais. Em algumas casas, para não dizer em todas, a televisão com antena parabólica, ligada apenas quando o gerador de energia está em funcionamento, se torna um dos únicos momentos de lazer, quando conseguem assistir um filme, novela ou jogo de futebol. A probabilidade dos moradores irem ao cinema, assistirem a uma peça de teatro, um



concerto de música ou a um espetáculo de circo, é, praticamente, nula. Ou seja, para essa parcela da população, a escola é o espaço que, ressignificado como equipamento não-específico de lazer, pode garantir o acesso a esses bens culturais.

O baixo acesso das crianças (ribeirinhas) da Jatobazinho às experiências culturais artísticas de lazer, como o circo, foi evidenciada em estudos de Zaim-de-Melo (2017) e ECOA (2017). Neste contexto, surgiu a ideia de desenvolvimento do projeto de extensão “O circo vai a uma escola das águas”, cujo o principal objetivo foi levar a arte circense, para que as crianças, adolescentes e adultos daquela comunidade pudessem contemplar ao vivo um espetáculo circense, dado as experiências de lazer dessa população, dentre essas as artísticas, estarem limitadas as transmitidas por intermédio de televisão.

O CIRCO COMO OPÇÃO DE LAZER

As apresentações artísticas surgem quando uma destreza é apresentada e o público ou o espectador está ali pela vontade de presenciar e contemplar tal ação. Na antiguidade, as pessoas assistiam e contemplavam às peripécias dos saltimbancos, funâmbulos e dançarinos de corda (Idade Média), ou às destrezas apresentadas pelos acrobatas na Antiguidade grega (1.500 a.C.), entre outras demonstrações de habilidades corporais e de manuseio de objetos (DUPRAT, 2014).

Contudo, o conceito de lazer vai se desenvolver em meados do século XX, quando se torna um fato social, nascido da extensão do tempo livre pela redução do tempo de trabalho (DUMAZEDIER, 1994). Dessa forma,

Seria necessário lembrar a televisão, os passeios de carro, as viagens, bem como as novas práticas do corpo e da afetividade, além de tudo que é lucrativo ou não, interessado ou desinteressado nas atividades escolhidas fora das obrigações profissionais, familiares e escolares, fora dos compromissos socioespirituais ou sociopolíticos do tempo livre [...] (DUMAZEDIER, 1994, p. 30).

Poderíamos manter a relação de espetáculo/espectador entre o circo e a população em geral. Para tanto, o circo, enquanto entretenimento, constituiu uma das inúmeras atividades ou formas de divertimento (HOTIER, 2001) e de se passar o tempo livre.

Nesse contexto, o circo se relaciona com o lazer até o início da década de 1990, principalmente no formato contemplativo de entretenimento e divertimento, seja a partir dos espetáculos na lona, nas intervenções em parques temáticos ou nas apresentações em espaços públicos. Assim, a partir da década de 1980, podemos identificar um novo modo de ver o circo



e suas relações com distintos âmbitos de atuação (DUPRAT, 2014). O âmbito do lazer e da recreação também se beneficiou com essa nova configuração circense, principalmente, com a abertura de escolas com um viés não profissional, conhecidas como “écoles de loisir” (FEDEC, 2009) ou “escuelas recreativas de circo” (BROZAS POLO, 2004).

Ressaltamos que, nas experiências de lazer o que interessa ao sujeito é a satisfação da atividade proposta, o prazer em estar na situação vivenciada, ou seja, estar em sintonia com seus prazeres e deleitar-se com suas conquistas (MARCELLINO, 1995). Ademais, a ocupação do tempo disponível com experiências de lazer, nos preceitos do duplo processo educativo fundamentados anteriormente, se configura em oportunidade ímpar para o desenvolvimento humano.

Ou seja, o circo, no contexto do presente projeto, não teve um caráter de vivência pautada no gênero prático do lazer, relacionadas ao aprender a fazer, mas principalmente, relacionado ao contemplativo, como forma de entretenimento, divertimento e desenvolvimento, principalmente orientados para a conceituação e compreensão do circo como um fenômeno artístico.

O CIRCO VAI A UMA ESCOLA DAS ÁGUAS: A EXPERIÊNCIA PROPRIAMENTE DITA

O projeto de extensão “O circo vai a uma escola das águas” foi desenvolvido no ano de 2019 e, contou com o apoio da PROECE (Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Esportes da UFMS) e do Instituto Acaia-Pantanal.

Antes de iniciarmos as apresentações circenses, como parte do processo metodológico, buscando confirmar a premissa de que as crianças tinham pouca ou nenhuma referência a respeito do circo, solicitamos a coordenação da escola que pedissem as crianças que fizessem um desenho em uma folha de sulfite em branco, com a seguinte pergunta: quando se escuta a palavra “circo”, o que vem a sua mente? A partir dessa provocação, 44 crianças fizeram essa atividade, sendo que apenas seis desenhos apresentaram elementos relacionados ao Circo: quatro aludiam ao malabarismo e dois desenhos a uma lona circense. A lona fora vista na televisão e o malabarismo em semáforos na cidade¹.

¹ Corumbá, em função da fronteira com a Bolívia, é um corredor para artistas circenses de rua (principalmente da América Latina) que passam pelo município, em direção a outras localidades.



De posse desses desenhos, iniciamos a preparação da equipe² que participaria desse projeto, com um estudo e treinamento específico para criação dos miniespectáculos. Para tanto, dois pontos-chaves foram elencados, surpreender as crianças e que a viagem de barco duraria três horas. Outro fator que também poderia influenciar na dinâmica das ações, era o pouco conhecimento do espaço físico da escola, locais disponíveis para os artistas se apresentarem. Desta forma, foi realizado um planejamento preliminar, buscando elencar quais as modalidades circenses que seriam abordadas, assim como a criação dos números e/ou atos, se preocupando com as músicas, figurinos, concepções artísticas e estéticas.

A partir destes pontos apresentados, os seguintes números foram planejados:

1. Palhaços malabaristas (número de palhaçaria com monociclo e malabarismo com bolinhas, aros e claves);
2. Trio acrobático (figuras em trios, parada de mão, acrobacias de solo);
3. Cubo (malabarismo com o cubo gigante) e Tecido Acrobático (subida em tecido aberto, figuras estáticas e quedas).
4. Corda dupla (entrada e saltos) e Lira (subida, figuras com a lira perto e longe do corpo e queda);
5. Rola-rola (parada de cabeça e malabarismo com três bolinhas) e perna de pau (dança em dupla); e
6. Bernardo (tributo a Manoel de Barros) – um pequeno espetáculo com acrobacias em grupo e malabarismo.

O processo de criação dos números circenses aconteceu na universidade, os artistas (acadêmicos) eram escalados para se apresentar, de acordo com o domínio da modalidade que seria apresentada, se encontravam em horário que o grupo Los Pantaneiros realizava suas práticas. Com o número pronto ele era mostrado para o coletivo, que avaliava, criticava, sugeria mudanças para o refinamento do número com sugestões e re-criações.

Além de planejar as atividades que seriam feitas na escola, houveram estudos, e preparação dos acadêmicos/artistas para que metodologicamente pudessem levantar os dados necessários para avaliar as ações que seriam realizadas. Principalmente no que tange, as crianças gostarem ou não das apresentações e se os objetivos propostos seriam alcançados.

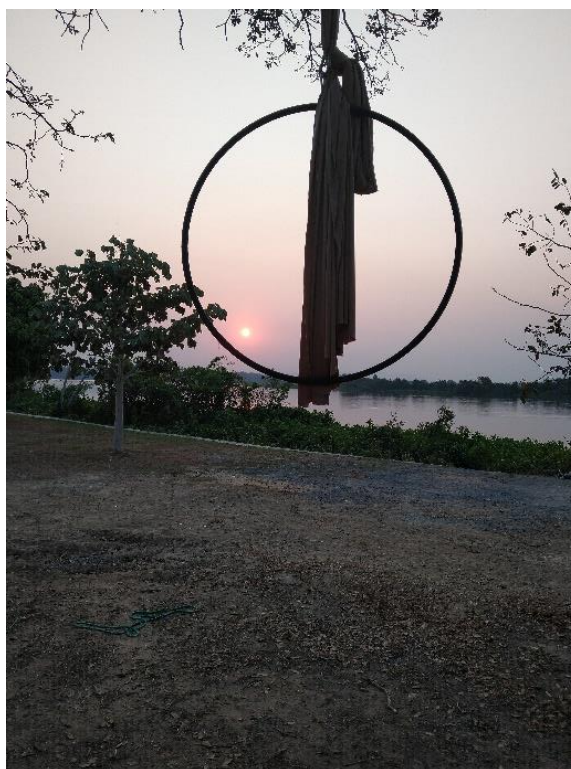
² Compuseram a equipe, 18 acadêmicos dos cursos de Educação Física, Psicologia e Direito da UFMS/CPAN, participantes do projeto de Cultura “Los Pantaneiros” (Edital 2019/PROECE/UFMS), que cumpriram a função de artista, figurinista, maquiador, coreógrafo, etc.



Optou-se por utilizar um diário de campo devido à possibilidade de se registrar observações e impressões dos pesquisadores do contexto particular da escola e das atividades realizadas, buscando captar informações que os documentos, as entrevistas, e a filmagem não transmite (MAGNANI, 1997).

A segunda fase do projeto, que consistia na execução das apresentações, realizadas uma vez ao mês, na sexta-feira, nos finais de tarde, aproveitando a luz natural e o pôr do sol no Rio Paraguai como cenário. As viagens dos artistas e produção era realizada na própria sexta-feira e logo que o barco atracava, organizávamos o espaço cênico e o show iniciava. As apresentações com os equipamentos aéreos (tecido e lira), devido a necessidade de instalação dos mesmos, o que demanda tempo e inúmeros cuidados com segurança, optou-se pela realização de duas apresentações, uma na sexta-feira, na qual apresentariamos os números de malabarismo com cubo gigante e apresentação de saltos em cordas duplas e; a outra no sábado com os números de tecido e lira respectivamente. E para completar a magia do espetáculo circenses, tanto o tecido quanto a lira foram instalados em um Jatobá, árvore que dá nome a escola.

Figura 2 – Lira instalada



Fonte: acervo dos autores



O primeiro espetáculo, foi um momento único, tanto para os acadêmicos/artistas, quanto para as crianças. Para os artistas, houve um frio na barriga (como descrito por eles, nos diários de campo), que se iniciou no Porto Geral de Corumbá, como mencionamos, os artistas viajavam no mesmo dia para realização do espetáculo, assim, ao se encontrarem para pegarem o barco, eles já estavam de figurinos, maquiados e prontos para entrarem em cena, chamando a atenção dos transeuntes e aumentando a ansiedade de todos.

Depois de três horas de barco, o circo chegava pela primeira vez na Escola Jatobazinho, ao som da canção o circo de Sidney Miller e com buzinações, os palhaços Naul e Quitripa desceram do barco, e foram recebidos pelas crianças que se aglomeraram em torno deles. Após uma intervenção do coordenador da escola, a apresentação foi iniciada. Durante todo o processo, expressões de riso e encantamento predominavam nos rostos das crianças, e para os adultos (professores e funcionários) da escola, que informalmente afirmavam que era a primeira vez que viam de perto algo assim.

As mesmas reações aconteceram nas outras apresentações. As crianças embora não soubessem da data da apresentação do circo, conforme relatos dos professores da escola, esperavam ansiosamente pela sexta feira, o dia do espetáculo.

De posse de um diário de campo, os acadêmicos/artistas e o coordenador do projeto fizeram notas das expressões das crianças, ao se depararem com algo novo (conforme quadro a seguir).

Quadro 1 – Notas sobre o encantamento

Apresentação	Expressões
Palhaçaria e Malabarismo	"Um palhaço de verdade. " "Uia"! "Olha"! "Ala! Vôti!" "Ele roubou a bolinha do outro, você viu?"
Trio acrobático	"Vôti! " "Uau, um mortal. " "Fica quieto, eu quero assistir" "Eles são super-heróis."
Cubo gigante	"Tá no queixo dele! " "Que massa. " "Ala! Vôti!"
Tecido acrobático	"Ala! Vôti!" "Senti meu coração batendo" "Deu um medinho"
Cordas duplas	"Esse é fácil! " "Dá vontade de pular!"



Lira	"Que lindo! " "É maravilhoso!" "Um bambolê gigante. " "Ai, essa doeu."
Perna de pau	"Como ele tá grande". "Pega nas nuvens".

Fonte: construção dos autores

Para as crianças, conforme as expressões transcritas, a oportunidade de vivenciar um espetáculo de circo foi singular. O "Vôti", expressão utilizada pelo corumbaense que indica espanto, essa surpresa esteve presente em todas as apresentações.

A epifania do projeto foram as acrobacias aéreas, com muitas palmas e gritos, com inúmeros momentos de "respiração presa e frio na barriga" (Diário de campo). Entendemos que os corpos suspensos "desafiam" a gravidade em um espaço intangível despertando uma sensação de encantamento através do extraordinário de alcançar o inalcançável e preencher um espaço vazio no ar (EVRARD, 2017). Da mesma forma, a apresentação de lira encantou de modo importante. A estética dos movimentos, o corpo do artista de cabeça para baixo, gerou múltiplas expressões como: "que lindo! " - "é maravilhoso! " (Diário de campo). Sem dúvidas, as sensações de surpresa e encantamento foram muitas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As artes são fontes de inspiração, que disseminam significados que muitas vezes a linguagem comum possui obstáculos em revelar. Transmitem emoções para o ser humano. Sensações, nunca antes sentidas, por exemplo, a melancolia ao escutar uma música, o fascínio ao observar uma pintura ou, no circo, o frio na barriga em uma acrobacia aérea, são sentimentos presentes.

Ao longo deste texto procuramos relatar a experiência de levar a arte, em particular a circense, a uma comunidade ribeirinha situada no Pantanal Sul-mato-grossense, considerando iniciar e ampliar o interesse cultural de crianças e adultos. As atividades realizadas foram pensadas para que, a partir da introdução dos participantes ao lazer de interesse artístico, de gênero contemplativo, o imaginário predominasse sobre o real, buscando o contato com o fictício, com o estético e com o belo, oportunizando uma forma de lazer que historicamente tem sido negada a população de modo geral, mas que para a



população ribeirinha, o acesso é mais complexo ainda, dado a soma do distanciamento geográfico e difícil acesso a outras barreiras já existentes.

As ações desenvolvidas, do ponto de vista da iniciação ao lazer (educação para o lazer) e hedonismo foi exitosa, pois a partir dos quadros apresentados observamos, nos risos soltos e brilhos no olhar dos participantes, a alegria promovida. Levamos o circo para uma população, muitas vezes esquecida, com pouco ou nenhum acesso a opções de lazer, que não sejam propiciadas pela natureza ou pelos mínimos momentos assistindo televisão, quando os geradores de energia elétrica e antena parabólica permitem.

Por fim, reconhecemos as limitações da proposta e seus efeitos enquanto veículo e objeto de educação, haja vista que promoveu a iniciação apenas no gênero prático, devendo em intervenções futuras, serem planejadas também intervenções práticas, em que os ribeirinhos possam ter a oportunidade de executar as experiências diversas que o circo abarca, o que favorecerá com que eles também figurem como produtores de cultura. Não obstante, em intervenções futuras, se faz necessário também que as experiências práticas e contemplativas estimulem a população objeto da intervenção a refletirem sobre os diversos condicionantes que os distanciam de experiências de lazer artísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, Mirleide Chaar; BRITO, Ronivaldo dos Santos. O lazer do brasileiro: como é vivenciado o tempo. In: STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Helder Ferreira (Orgs.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

BROZAS POLO, M. P. **Fundamentos de las actividades gimnásticas y acrobáticas**. Léon: Universidad, Secretariado de Publicaciones y Medios Audiovisuales, 2004.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. **A revolução do tempo livre**. São Paulo: Stuido Nobel – SESC, 1994.

DUPRAT, Rodrigo Mallet. **Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior**. 2014. 365f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

EOCA. **Caderno do Professor**. Campo Grande, MS: Gráfica Mundial, 2017.



FEDEC – Fédération Européenne des Écoles de Cirque Professionnelles. **Répertoire des centres de formation aux arts du cirque – Europe et au-delà**. Projet Miroir FEDEC, 2009. Disponível em: <<http://www.fedec.eu/fr/articles/187-miroir01---partie-2-repertoire-des-centres-de-formation-aux-arts-du-cirque-2009>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

HOSHINO, Camila. Pedagogia da alternância garante educação de crianças no campo. **Lunetas**, 2018. Disponível: <<https://lunetas.com.br/pedagogia-da-alternancia-garante-educacao-de-criancas-no-campo/#:~:text=A%20pedagogia%20da%20altern%C3%A2ncia%20possui,o%20v%C3%ADculo%20com%20a%20ro%C3%A7a>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

HOTIER, Hugues. **Um cirque pour l'éducation**. Paris: L'Harmattan, 2001.

INSTITUTO ACAIA, **Relatório anual 2018**. São Paulo: Acaia, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O (velho e bom) caderno de campo. **Sexta-feira**, n. 1, p. 8-11, 1997.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2002.

_____. **Lazer e cultura**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

_____. Lazer e sociedade: algumas aproximações. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e sociedade**: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JÚNIOR, Edmundo Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.

_____. Arte e lazer: desafios para romper o abismo. In: MELO, Victor Andrade de. Conteúdos culturais. In: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

PEDRÃO, Cinthia Casimiro; UVINHA, Ricardo Ricci. O lazer do brasileiro: discussão dos dados coletados em escolaridade, renda, classes sociais e cor/raça. In: STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Helder Ferreira (OrgS.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Formação de educadores e educadoras para o lazer: saberes e competências. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 22, n. 3, p. 53-71, mai., 2001.

RODRIGUES, Fabrício César da Costa. **O uso doméstico da água em comunidades ribeirinhas**: diagnóstico das comunidades dos Furos Conceição e Samaúma na Ilha das Onças, Estado do Pará. 2017. 62f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia). Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2017.



SCHERER, Elenise Faria. **Modos de vida ribeirinha na Amazônia**. Manaus, AM, 2010.

SOUTTO, Sarah Teixeira Soutto; ISAYAMA, Hélder Ferreira. O lazer do brasileiro: sexo, estado civil e escolaridade. STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Helder Ferreira (Orgs.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

ZAIM-DE-MELO, Rogério. **Jogar e brincar de crianças pantaneiras**: um estudo em uma "Escola das Águas". Rio de Janeiro, 2017. 141p. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ZAIM-DE-MELO, Rogério; DUARTE, Rosália Maria; SAMBUGARI, Márcia Regina do Nascimento. Jogar e brincar de crianças pantaneiras: um estudo em uma "escola das águas". **Pro-Posições**, v. 31, e20180052, 2020.

Dados do primeiro autor:

Email: rogeriozmelo@gmail.com

Endereço: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Avenida Rio Branco, 1270, Corumbá, MS, CEP: 79304-902, Brasil.

Recebido em: 19/02/2021

Aprovado em: 18/03/2021

Como citar este artigo:

ZAIM-DE-MELO, Rogério; SILVA, Junior Vagner Pereira da; DUPRAT, Rodrigo Mallet. Hoje vai ter espetáculo!!! A arte circense como opção de lazer para alunos em uma Escola das Águas do Pantanal. **Corpoconsciência**, v. 25, n. 1, p. 121-136, jan./ abr., 2021.

Agradecimentos:

À Acaia/Pantanal pelo apoio dado ao projeto.